

M. CELIA DE ABREU
MARCOS T. MASETTO

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP

Abreu, Maria Célia de.
A146p O professor universitário em aula: prática e princípios teóricos / M.
8ª ed. Célia de Abreu, Marcos T. Masetto. -- 8ª ed. -- São Paulo : MG Ed.
Associados, 1990

Bibliografia.

1. Administração de sala de aula 2. Educação superior 3. Interação
professor-aluno I. Masetto, Marcos Tarcísio, 1937 - II. Título.

86-0463

CDD-378.12
-378.170282

Índices para catálogo sistemático:

1. Alunos e professores universitários : Relações : Ensino superior 378.12
2. Ensino universitário 378.12
3. Práticas de sala de aula : Ensino superior 378.170282
4. Professores universitários e alunos : Relações : Ensino superior 378.12
5. Relações entre professores e alunos : Ensino superior 378.12
6. Sala de aula : Práticas : Ensino superior 378.170282

O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO EM AULA:
PRÁTICA E PRINCÍPIOS TEÓRICOS

CAPÍTULO 1

ENSINO E APRENDIZAGEM

- I. Qual a Finalidade deste Capítulo?
- II. Qual o Significado de Ensinar e de Aprender?
- III. Aprender o quê? Para quê?
- IV. Há Alguns Princípios Comuns de Aprendizagem?
- V. Em Conclusão, como se Caracteriza o Papel do Professor?

ENSINO E APRENDIZAGEM

I. Qual a Finalidade deste Capítulo?

Existe uma grande quantidade de estudos, pesquisas e teorias relacionados com a aprendizagem humana. Não é nossa intenção discutirmos esse problema em profundidade, o que exigiria, por si só, um compêndio inteiro pelo menos. O que pretendemos com este capítulo é discutir nossa visão sobre o que julgamos ser um problema central em sala de aula: a opção que o professor faz pelo ensino que ministra ao aluno ou pela aprendizagem que o aluno adquire, qual a diferença entre as duas perspectivas e suas consequências.

Esperamos, portanto, que este capítulo, mais do que discutir conceitos teóricos, leve o professor a embasar sua prática de ensino, coerentemente, com princípios teóricos.

II. Qual o significado de Ensinar e de Aprender?

Quando nos dirigimos a professores de ensino superior, que têm à sua frente, em sala de aula, alunos com expectativas de conhecer os grandes mestres e especialistas nos assuntos e de ouvir suas brilhantes preleções, bem como saber de suas melhores experiências no campo profissional, parece lógico que déssemos importância ao ensino. Aprendizagem soa como algo fora de tempo ou fora de moda.

Com efeito, se procurarmos decodificar o significado de "ensinar", encontramos verbos como: instruir, fazer saber, comunicar conhecimentos ou habilidades, mostrar, guiar, orientar, dirigir — que apontam para o professor como agente principal e responsável

pelo ensino. As atividades centralizam-se no professor, na sua pessoa, nas suas qualidades, nas suas habilidades.

Já quando falamos em “aprender”, entendemos: buscar informações, rever a própria experiência, adquirir habilidades, adaptar-se às mudanças, descobrir significados nos seres, fatos e acontecimentos, modificar atitudes e comportamentos — verbos que apontam para o aprendiz como agente principal e responsável pela sua aprendizagem. As atividades estão centradas no aprendiz (aluno), em suas capacidades, possibilidades, oportunidades, condições para que aprenda.

Entendemos que toda e qualquer instituição de ensino, qualquer que seja seu nível, justamente porque existe em função do aluno (pessoa, membro de sua sociedade, profissional) e da sociedade na qual se insere, deverá privilegiar a aprendizagem de seus alunos sobre o ensino de seus professores. Entendemos muito bem que aprendizagem e ensino possam estar indissociáveis, mas pensamos também que, dependendo da ênfase num ou noutro pólo, as orientações das escolas poderão se diversificar extremamente.

Nossa opção é pela aprendizagem, e julgamos de suma importância que nós, professores de nível superior, nos questionemos sobre nossa participação na criação e organização da aprendizagem de nossos alunos.

III. Aprender o quê? Para quê?

É alta a frequência com que os livros de Psicologia Educacional apresentam a proposta de Mager (1962, 1972) a respeito de objetivos de aprendizagem, segundo a qual há três categorias de aprendizagem com as quais o educador se preocupa.

Em primeiro lugar, o aluno pode aprender de um modo cognitivo ou dentro de uma área de conhecimentos; aqui se encontram as informações de que o aluno dispõe, a generalização destas para outras situações diferentes, os conceitos e seus inter-relacionamentos, as soluções para problemas em níveis cada vez mais criativos: o que o aprendiz conhece e compreende.

Dentro de uma segunda categoria, o aluno modifica suas atitudes, isto é, os valores que dá ao que conhece, os sentimentos que experimenta diante de fatos e idéias.

Exemplificando: cognitivamente, o aluno *A* sabe como se deve fazer uma pesquisa bibliográfica sobre um tema qualquer; o aluno

B conhece as variáveis presentes numa situação grupal e compreende seu funcionamento. Atitudinalmente, o aluno *A* tem uma atitude negativa (desvaloriza, não vê significado, não gosta) em relação a pesquisas bibliográficas; o aluno *B* tem uma atitude positiva (acha que é bom, sente-se bem) em relação à sua própria participação em pequenos grupos.

Há, ainda uma terceira categoria, a das habilidades, quando o aluno aprende a *fazer, a lidar* com alguma coisa. Nosso aluno *A* pode não ter desenvolvido a habilidade de realizar pesquisas bibliográficas, a despeito de saber “teoricamente” todos os passos necessários para isso, ou até nunca ter posto os pés numa única biblioteca. Nosso aluno *B* pode ser capaz de se desempenhar efetivamente dentro de um pequeno grupo ou não ser absolutamente capaz de manejar aquelas variáveis que ele conhece, compreende e valoriza.

Deve ter ficado claro que nós, professores, lidamos com o que o aluno aprende, não só cognitivamente, mas também em termos de atitudes e habilidades. Se temos em mente que o aluno aprende todas essas coisas, que elas estão intimamente interligadas entre si e que, portanto, têm importância no resultado global da ação educativa, melhor podemos tomar nossas decisões sobre o que fazer em sala de aula e para que fazê-lo.

Isto é, ao nos questionarmos sobre a organização da aprendizagem de nossos alunos, além de nos perguntarmos sobre “o que deverão aprender”, preocupamo-nos também com: “aprender para quê?”

No esquema que se segue, apresentamos pistas para respostas a esta última pergunta. Esse esquema reúne, dentro de uma perspectiva educacional humanista, quatro tendências de aprendizagem, cada uma incluindo uma resposta mais abrangente ao “para quê”. Mais uma vez, o professor precisa se posicionar diante de um leque de possibilidades, fazendo uma opção que terá repercussão em sua prática diária de sala de aula.

1. Primeiro, aquela tendência que privilegia o *desenvolvimento mental* (o aspecto cognitivo), com os seguintes objetivos: que o aluno aprenda a captar e processar informações, organizar dados, apreender e relacionar conceitos, perceber e resolver problemas, criar conceitos e soluções. Utiliza estratégias específicas para desenvolver o pensamento e o raciocínio de seus alunos. Busca estes objetivos tanto com relação a conhecimentos já existentes e integrantes

das ciências da humanidade, como no desenvolvimento da pesquisa sobre problemas pouco ou nada conhecidos atualmente.

Esta corrente responde mais diretamente às exigências do aluno que vem às nossas escolas em busca de informação (o maior número possível e o mais rapidamente possível) que o habilitem a exercer uma profissão na sociedade; responde às solicitações de uma sociedade que exige profissionais cada vez mais competentes, mais especializados e mais técnicos; e responde ao mercado cada vez mais exigente e mais especificado.

2. Uma segunda tendência de aprendizagem privilegia o *desenvolvimento da pessoa singular e como um todo* (os aspectos cognitivo, afetivo, social), com os seguintes objetivos: que o aluno realize o desenvolvimento de sua sociabilidade, comunicabilidade, cultura, valores, competência profissional, organização interna, relacionamento com o ambiente e com a sociedade. Procura que se reorganizem os valores, que se crie um clima onde os sentimentos e os problemas dos alunos venham à tona. Dá importância à singularidade de cada indivíduo, às mudanças que venham a ocorrer no próprio indivíduo e a uma nova configuração que venha a ser construída.

3. Uma terceira linha de aprendizagem privilegia o *desenvolvimento das relações sociais*. Entende como vitalmente importante para o homem tanto a realidade social como a interação dos mesmos homens com ela. Entende como fundamental criar-se uma interação entre o mundo individual e o mundo social, não apenas no sentido de a sociedade estar subsidiando as necessidades do indivíduo e da sua família, mas também no sentido de o indivíduo e da sua família estarem se comprometendo efetivamente com o desenvolvimento da sociedade.

Entende como exigência do desenvolvimento de qualquer ser humano que ele aprenda a situar-se historicamente no tempo e no espaço: *estar aberto* para captar os fatos, os acontecimentos que agitam a si mesmo, à sua família, ao seu trabalho, à sua classe, à sua cidade, ao seu país, ao mundo, à sociedade da qual é membro; *estabelecer e compreender as relações* entre esses mesmos fatos e acontecimentos; *relacioná-los* com a nossa história; *analisar criticamente* os encaminhamentos e soluções apresentados por seus dirigentes; dentro de suas condições de profissional e cidadão, *participar* da vida desta sociedade, criando uma realidade co-participada.

Por isto mesmo, esta corrente dá grande importância não só à atualização dos conhecimentos, mas ao relacionamento de nossa

ciência, das descobertas da humanidade, das pesquisas, ao momento histórico que estamos vivendo, assim como às atividades que integram essas situações.

4. Uma quarta linha de aprendizagem privilegia o *desenvolvimento da capacidade de decidir, o desenvolvimento de habilidade para assumir responsabilidade social e política*. Lembramos que esta corrente também se preocupa com os aspectos cognitivo, afetivo e social do aprendiz, como os demais. Apenas que toma este último aspecto como a característica sob a qual procura desenvolver os demais.

Entende esta corrente que a aprendizagem deverá levar o aprendiz a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e da sociedade, que se caracteriza por criar disposições democráticas através das quais se substituam hábitos de passividade por novos hábitos de participação e ingerência.

Conseqüentemente, esta tendência privilegiará as atividades que permitam aos alunos desenvolver, nos mais diversos níveis, as habilidades de participação em sua aprendizagem, no seu curso, na sua escola e assim por diante, nas circunstâncias mais diversas.

IV. Há Alguns Princípios Comuns de Aprendizagem?

Qualquer que seja, porém, a tendência que se privilegie, existem alguns pontos ou princípios que, ousamos afirmar, são comuns a todos os que se preocupam com a aprendizagem do aluno. São eles:

1. *Toda aprendizagem*, para que realmente aconteça, *precisa ser significativa* para o aprendiz, isto é, precisa envolvê-lo como pessoa, como um todo (idéias, sentimentos, cultura, sociedade).

Isto exige que a aprendizagem:

- *se relacione* com o seu universo de conhecimentos, experiências, vivências;
- *lhe permita formular problemas e questões* que de algum modo o interessem, o envolvam ou que lhe digam respeito;
- *lhe permita entrar em confronto* experiencial com problemas práticos de natureza social, ética, profissional, que lhe sejam relevantes;

- *lhe permita participar* com responsabilidade do processo de aprendizagem;
- *lhe permita e o ajude a transferir* o que aprendeu na escola para outras circunstâncias e situações de vida;
- *suscite modificações* no comportamento e até mesmo na personalidade do aprendiz.

No pólo oposto à da aprendizagem significativa, colocamos a aprendizagem mecanizada, sendo que de pólo a pólo se estende um eixo ao longo do qual se posicionam todas as nossas aprendizagens. Ela se dá de um modo mecanizado se o aluno tenta simplesmente memorizar a informação nova, ou repetir corretamente a habilidade a ser estabelecida; ocorre de um modo significativo se o aprendiz tenta reter a nova informação ou habilidade, relacionando-a com o que já sabe, dando-lhe um lugar dentro de um todo mais amplo; isso pede ação por parte do aprendiz, que deve descobrir princípios subjacentes ao material novo, associando-o, seja a situações de experiência concreta, seja a outros conceitos que já aprendeu antes.

A grande consequência disto é que o aluno se capacita, então, a aplicar o que foi aprendido em determinada situação a uma variedade de situações semelhantes, o que chamamos de transferência de aprendizagem.

Além da consequência acima, a aprendizagem significativa apresenta dois outros resultados importantes, que não são próprios da aprendizagem mecanizada: primeiro, quanto mais significativo o material aprendido, tanto mais rápido será o próprio processo de aprendizagem, e menos repetições serão necessárias para memorizá-lo; segundo, quanto mais significativa for a aprendizagem, mais duradora será a retenção do material na memória.

Pode-se colocar ainda uma quarta consequência: algo que aprendemos só vai modificar nossos valores, nossos motivos, nosso sistema conceitual, nossa auto-estima e, por certo, nosso comportamento, se for de fato aprendido significativamente, se “fizer sentido” para nós.

2. *Toda aprendizagem é pessoal.* Lembremo-nos de que a aprendizagem envolve mudança de comportamento ou de situação do aprendiz, e isto só acontece *na pessoa* do aprendiz e *pela pessoa do aprendiz*. É um pouco a afirmação do óbvio: “ninguém aprende pelo outro”.

3. *Toda aprendizagem precisa visar objetivos realísticos.* Isto é, que possam de fato ser significativos para aqueles alunos e que possam concretamente ser atingidos nas circunstâncias em que o curso é ministrado.

4. *Toda aprendizagem precisa ser acompanhada de feedback imediato.* Entendemos que a aprendizagem se faz num processo contínuo e que o *feedback* é elemento integrante desse processo, pois deverá fornecer ao aluno e ao professor dados para corrigir e reiniciar a aprendizagem. Sem estas informações contínuas, acreditamos que o processo de aprendizagem sofrerá interrupções e desvios, e correrá até o risco de não oferecer condições para que o aluno possa atingir os objetivos propostos.

5. *Toda aprendizagem precisa ser embasada em um bom relacionamento interpessoal* entre os elementos que participam do processo, ou seja, aluno, professor, colegas de turma. São características deste relacionamento o comportamento de diálogo, colaboração, participação, trabalho em conjunto, clima de confiança, o professor não sendo um obstáculo à consecução dos objetivos propostos e não sendo percebido como tal.

V. Em Conclusão, como se Caracteriza o Papel do Professor?

Compreendida a aprendizagem como acima descrevemos, o papel do professor desponta como sendo o de facilitador da aprendizagem de seus alunos. Seu papel não é ensinar, mas ajudar o aluno a aprender; não é transmitir informações, mas criar condições para que o aluno adquira informações; não é fazer brilhantes preleções para divulgar a cultura, mas organizar estratégias para que o aluno conheça a cultura existente e crie cultura.

E para facilitar a aprendizagem de seus alunos, suas perguntas costumeiras, tais como: “que devo ensinar?”, “como poderei demonstrar que ensinei?”, “como poderei ensinar toda a matéria que devo?”, serão substituídas por: “que objetivos pretendo que meus alunos alcancem?”, “quais são as expectativas dos meus alunos ao virem fazer meu curso?”, “como envolvê-los?”, “que pretendem aprender?”, “que poderei fazer para facilitar seu desenvolvimento e sua aprendizagem?”

Ao se dispor a responder a estas perguntas, o professor reconhecerá que toda a realidade humana e social se encontra num

contínuo e rápido processo de mudanças e transformações, quando não de revoluções, em todos os setores da vida e atividade da comunidade humana, nos seus valores e nos seus aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais. Por isso, ao mesmo tempo em que o professor desencadeia o interesse pela pesquisa, indagação e análise de todos os aspectos da vida humana, entenderá também que a aprendizagem, antes de mais nada, exige uma contínua abertura para modificações, tanto por parte do aluno como do próprio professor.